



Prenomes e sobrenomes no Brasil: uma revisão sistemática de literatura

First names and surnames in Brazil: a systematic literature review

Márcia Sipavicius SEIDE*

RESUMO: Este artigo apresenta uma revisão sistemática de literatura que visa revelar a constituição dos nomes de pessoa oficiais primários na língua portuguesa no Brasil e identificar as características epistemológicas das pesquisas desenvolvidas. Para tanto, foi feita uma seleção de 15 artigos extraídos de uma lista bibliográfica contendo 44 artigos sobre Onomástica publicados de 2011 a 2021. Os resultados mostram que há grande diversidade etimológica tanto nos sobrenomes quanto nos prenomes. Com exceção dos povos nativos e dos descendentes de escravos, há correlação entre a etnia dos antepassados e a etimologia dos sobrenomes em uso no Brasil. Foram evidenciados dois tipos de nomes: convencionais, que estão integrados no repertório onomástico do Brasil em determinado período, são escolhidos em harmonia com costumes locais e estão conectados a tradições religiosas ou nacionais; e não convencionais, que destoam da categoria anterior e são avaliados como nomes diferentes e singulares. Mais de 25% das pesquisas abrangem mais de um nível linguístico de análise, uma vez que abordam os níveis etimológico, ortográfico e/ou morfológico. Constatou-se também que predominam as pesquisas de abrangência local e que, em todos os estudos, os dados foram analisados levando-se em consideração, para além do aspecto linguístico, o contexto histórico e social da fonte dos dados analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Revisão sistemática de literatura. Antroponomástica. Nome oficial primário. Brasil.

ABSTRACT: This article reports on a systematic review of literature aimed at investigating what primary official personal names are like in Brazilian Portuguese and how they have been researched epistemologically. To this end, 15 articles were extracted from a bibliographic list of 44 articles on Onomastics published from 2011 to 2021. The findings point to great etymological diversity in both surnames and first names. Except for names of indigenous people and descendants of slaves, ancestor ethnicity and etymology of surname bearers correlate in Brazil. Two types of first names have been reported: conventional names, which are integrated into the Brazilian repertoire in a given period, chosen in harmony with local customs and connected to religious or national traditions, and unconventional names, which diverge from the previous ones and are evaluated as different and one of a kind. Over 25% of the studies approach two or more linguistic levels of analysis, as they are etymologically, orthographically, and/or morphologically oriented. Most studies are local in scope, and all studies account for not only for linguistic features, but also the social and historical context of the data analysed.

KEYWORDS: Systematic literature review. Anthroponomastics. Primary official name. Brazil.

Artigo recebido em: 02.04.2022

Artigo aprovado em: 21.06.2022

* Doutora em Língua Portuguesa e Filologia. Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. marcia.seide@unioeste.br

1 Introdução

Este artigo apresenta uma revisão sistemática de pesquisas antroponímicas considerando aquelas publicadas, de 2011 a 2021, em artigos científicos de acesso *online* e gratuito que descrevem nomes oficiais primários¹ na língua portuguesa. A revisão do tipo sistemática se distingue da revisão de literatura² por uma melhor explicitação dos critérios de seleção e avaliação das obras que se constituem como objeto de estudo. Sua utilização é indicada nos casos em que é necessário sistematizar aspectos epistemológicos de determinada área do conhecimento ou encontrar uma resposta a uma pergunta de pesquisa específica.

A revisão sistemática de literatura é uma pesquisa cujo material de análise são outras pesquisas já publicadas. Ela começa com uma ou mais perguntas de pesquisa e se desenvolve a partir da criação e aplicação de um protocolo no qual são informados os critérios de inclusão e exclusão de obras e onde elas serão buscadas; depois de uma coleta inicial, a leitura integral das obras e a aplicação de critérios de seleção indicam quais delas serão realmente revisadas. Muito utilizada na área das ciências da saúde, ela é recomendada sempre que surge a necessidade de sistematizar pesquisas sobre determinado assunto e/ou propor diretrizes para pesquisas futuras³.

Uma pesquisa de revisão sistemática de literatura segue os seguintes passos⁴: 1) definição da pergunta científica e do escopo da pesquisa; 2) identificação da(s) base(s) de dado(s) a ser(em) usada(s), definição das palavras-chave e da estratégia de busca; 3) condução da busca e seleção inicial de artigos (em geral mediante leitura dos

¹ Nomes oficiais primários correspondem ao nome completo registrado em cartório. Eles têm valor legal, são um direito do nomeado e um dever dos pais ou responsáveis. Mais informação sobre esse tipo de nome pode ser encontrada em Van Langendonck (2007)

² Um exemplo de revisão de literatura em Onomástica pode ser encontrado em Seide (2016).

³ Um exemplo de revisão sistemática de literatura na área da Onomástica pode ser encontrado em Rusu (2021).

⁴ Na área da Saúde é comum que a seleção e a avaliação das pesquisas sejam feitas ao menos por dois pesquisadores. Cada pesquisador elabora uma lista de obras e as listas são comparadas entre si e são consideradas na revisão as obras indicadas por ambos. Esta etapa da revisão sistemática de literatura não foi adotada na pesquisa apresentada neste artigo: todo o processo de coleta e seleção de obras foi feita pela autora deste artigo.

títulos, dos resumos e das palavras-chave); 4) aplicação dos critérios de seleção e apresentação de justificativas para possíveis exclusões; 5) análise crítica e avaliação de todos os estudos incluídos na revisão; 6) elaboração de uma síntese das informações disponibilizadas nos artigos incluídos; 7) apresentação de uma conclusão (SAMPAIO; MANCINI, 2007).

A pesquisa apresentada neste artigo é motivada pelas seguintes perguntas de pesquisa: Como são os nomes de pessoa oficiais primários na língua portuguesa no Brasil? como eles tem sido pesquisados? Para responder a essas perguntas, foi feita uma seleção de artigos de uma lista bibliográfica de artigos publicados no período de 2011 a 2021 (ICOS, 2022). Já com relação aos critérios de exclusão, foram utilizados os seguintes critérios: o artigo não ser exclusivamente sobre antropônimos e ser em outra língua que não as já mencionadas. A lista inicial (contendo 44 artigos) foi elaborada com base nos seguintes critérios de inclusão: ser artigo escrito em língua portuguesa, em língua inglesa, em língua espanhola ou em língua francesa, ser exclusivamente sobre antropônimos, estar disponível *on-line* e com acesso gratuito, ser de autoria de pesquisadores reconhecidos na área no Brasil ou estar publicado em número temático sobre Onomástica publicado pela *Revista de Estudos Linguísticos* (SEABRA; ISQUERDO, 2018) ou pela *Domínios da Lingu@gem* (CARVALHINHOS; NERI, 2021) ou, ainda, ser artigo publicado na revista *GTLex* ou na revista *Onomástica desde América Latina*. Essas revistas foram escolhidas em virtude de serem revistas conhecidas por aceitarem e publicarem artigos na área, além de serem utilizadas por pesquisadores de Onomástica em suas pesquisas. À lista inicial, foi aplicado o seguinte critério de exclusão: não abordar nomes oficiais primários, resultando num elenco de 15 artigos.

O objeto de estudo dessa revisão sistemática de literatura é o nome de pessoa oficial primário classificação dos nomes de pessoa que segue o proposto por Van Langendonck (2007) e sua aplicação à antroponímia brasileira (AMARAL; SEIDE, 2020). Trata-se do nome civil registrado em cartório que constitui um direito do nascituro e um dever dos pais, um nome oficial por estar previsto em lei e primário por ser, prototipicamente, o nome que é primeiramente atribuído a uma pessoa.

O critério de exclusão de o artigo não ser sobre os nomes de pessoa oficiais primários foi aplicado à lista bibliográfica inicial de 44 artigos (ICOS, 2022) resultando numa lista de 15 artigos.

Este artigo de revisão de literatura está organizado em quatro seções: na primeira seção, há uma breve descrição das pesquisas selecionadas com informações e exemplos dos objetos de estudo de cada uma, as fontes utilizadas e os resultados alcançados; na segunda seção, há análise das pesquisas relatadas nos artigos selecionados; na terceira seção, há a apresentação dos resultados obtidos e, na quarta, a conclusão da pesquisa.

2 Descrição dos estudos encontrados na revisão de literatura

Na língua portuguesa, costuma-se registrar, logo após o prenome, o sobrenome da mãe e, na sequência, o sobrenome do pai. Por ocasião do casamento, é costume a esposa adotar o sobrenome do marido e deixar de usar o sobrenome herdado de seus pais⁵ (AMARAL; SEIDE, 2020). O fato de o sobrenome ser herdado e sobreviver de geração em geração por um longo período permite que se possa conhecer algo sobre a história de seus portadores mediante análises de cunho linguístico e /ou etimológico. Do conjunto de 15 artigos selecionados na revisão sistemática de literatura, há quatro que abordam os sobrenomes e/ou prenomes e sobrenomes: Martins *et al.*, (2020), Seide (2020a), Tavares de Barros, Santos Heidmann e Philippsen (2020) e Vescovi (2021). Esta seção está dividida em duas partes: na primeira, são descritas pesquisas que focam o sobrenome e, na segunda, as que se dedicam ao prenome.

⁵ É preciso informar, contudo, que, desde 2002, legalmente, “tanto o marido quanto a esposa podem escolher e acrescentar um sobrenome do futuro cônjuge ao seu nome” (AMARAL; SEIDE, 2020, p. 79).

2.1 Pesquisas a respeito dos sobrenomes

Na parte do estudo desenvolvido por Martins *et al.* (2020) que aborda os sobrenomes⁶, os pesquisadores analisam os sobrenomes de alunos indígenas matriculados de 2005 até 2019 no curso de Licenciatura Intercultural Indígena ofertado pela Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD). Identificada a língua em que estavam os 159 sobrenomes encontrados, os autores constataram que havia, na amostra, predomínio de sobrenomes de origem espanhola (*e.g.*, “Benites”, “Morales” e “Sanches”). Longe de indicar a proveniência dos portadores desses sobrenomes, o fato de muitos desses indígenas portarem sobrenomes originalmente espanhóis é explicado historicamente, tendo em vista que “o território guarani foi colonizado pela Espanha e não por Portugal” (MARTINS *et al.*, 2020, p. 55) e que os indígenas adotaram o sobrenome de seus colonizadores quando da obrigatoriedade de registro civil de seus nomes. Nesse caso, os sobrenomes funcionam como testemunho da história da colonização da América Latina. Na pesquisa, registrou-se também o uso de prenomes na função de sobrenome (*e.g.*, “Pedro”, usado como sobrenome na amostra dos pesquisadores).

Em Seide (2020a), o estudo dos sobrenomes também coloca em evidência tanto a história de vida dos antepassados de seus portadores quanto a história do Brasil, especificamente no que se refere aos fluxos migratórios ocorridos ao longo dos séculos XIX e XX. Entre 1926 e 1930, houve a primeira migração de lituanos para o Brasil, quando vieram pequenos proprietários de terra. De 1942 a 1950, em decorrência da II Guerra Mundial, houve a segunda onda de migração, com um número muito menor de imigrantes. Nesse estudo, foi analisada uma amostra, coletada em 2017, de 31 sobrenomes de descendentes de imigrantes lituanos oriunda dos comentários de uma postagem publicada num grupo fechado de Facebook que congrega descendentes de lituanos que vivem no Brasil. Na amostra, 34% e 30% dos sobrenomes eram de origem

⁶ Este estudo abrange prenomes e sobrenomes. Na seção 2.2, o artigo será retomado tendo por foco o estudo dos prenomes.

lituana, respectivamente para mulheres e homens. Conforme explica a autora, houve adaptação à língua portuguesa dos sobrenomes de origem lituana.

Para perceber essa adaptação, é necessário que se saiba como os sobrenomes são usados no idioma lituano. O sobrenome “Linkevičius” é a forma usada por homens, casados ou solteiros; “Linkevičiene”, por mulher casada com Linkevičius; e “Linkevičiūtė”, por mulher solteira filha de um Linkevičius⁷. Na amostra, há o registro da forma “Linkevicius” como sobrenome de um homem descendente de lituano. Nesse caso, as letras do sobrenome original não são as mesmas daquele registrado no Brasil, o que indica que houve adaptação ortográfica e fonética à língua portuguesa. No caso das descendentes mulheres, houve também adaptação morfológica, uma vez que seus sobrenomes foram registrados em sua forma masculina, isto é, com as mesmas terminações dos sobrenomes masculinos (*e.g.*, no sobrenome “Tumas”, a terminação em itálico é usada para sobrenomes de homens).

A pesquisadora encontrou mais ocorrências de sobrenomes não lituanos entre as mulheres; contudo, sua ocorrência na antroponímia tanto masculina quanto feminina indica casamentos mistos, quer com brasileiros natos, quer com descendentes de imigrantes de outras origens. Para além dos sobrenomes de origem lituana, houve registro de sobrenomes italianos (*e.g.*, “Vantini”), luso-brasileiros (*e.g.*, “Marques”), germânicos (*e.g.*, “Harder”), japoneses (*e.g.*, “Tamashiro”) e russos (*e.g.*, “Charoff”).

Os resultados do estudo de Seide (2020a) mostram a diversidade linguística dos sobrenomes registrados no Brasil e testemunham a história e a complexidade dos fluxos migratórios que constituíram a população brasileira. De fato, a demografia brasileira se caracteriza pela presença de descendentes de migrantes de várias procedências, principalmente de descendentes de portugueses, a qual é explicada não

⁷ O fato de, para as mulheres solteiras lituanas, o sobrenome indicar o pai de quem são filhas revela semelhança com sobrenomes que foram antigos patronímicos (antropônimos que têm origem no nome do pai ou ascendente masculino); no contexto ibérico, o sobrenome “Rodrigues”, por exemplo, era um patronímico para designar o filho ou filha de um Rodrigo (AMARAL; SEIDE, 2020).

apenas pela colonização de Portugal desde 1500, mas também por fluxos migratórios posteriores.

Parte dessa história migratória é recuperada por Tavares de Barros, Santos Heidmann e Philippsen (2020), que identificaram sobrenomes de origem portuguesa e espanhola em sobrenomes registrados em lápides de cemitérios na cidade de Iguatu, localizada na região oeste do estado do Paraná. Essa região, que se tornou município em 1990, teve sua colonização intensificada apenas a partir de 1950 e atraiu, majoritariamente, descendentes de gaúchos e catarinenses, cujos antepassados eram, em sua maioria, de origem germânica, italiana ou polonesa.

Contrastam com esse contexto os 27 nomes de origem ibérica⁸ encontrados nas lápides de cemitério. Conforme relatam os autores, a região recebeu não apenas pessoas oriundas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, mas também do Nordeste, de Minas Gerais e de São Paulo, onde há mais pessoas de origem lusitana e imigrantes espanhóis, que inicialmente tinham procurado trabalho na cafeicultura paulista em fins do século XIX. Consoante com a história de colonização do município, foram encontrados, no *corpus* dos pesquisadores, sobrenomes como “Pinto de Melo”, de origem portuguesa, e “Camargo” e “Arruda”, de origem espanhola. Os resultados dessa pesquisa evidenciam que o estudo dos sobrenomes revela não apenas os fluxos migratórios externos, mas também traçam os fluxos migratórios que ocorrem no interior da nação brasileira. A diversidade encontrada nos sobrenomes também se verificou nos prenomes.

2.2 Pesquisas que focam prenomes

Prenomes são nomes de pessoa que individualizam um sujeito no seio familiar. Os prenomes oficiais são caracterizados, atualmente, por serem fruto da obrigação legal dos pais de nomearem seus filhos e registrarem esses nomes em cartório. Antes

⁸ Os pesquisadores fizeram pesquisa qualitativa, motivo pelo qual não analisaram quantitativamente a proporção de portadores de sobrenomes ibéricos na população da cidade de Iguatu.

do século XIX, contudo, não havia essa obrigação laica, uma vez que as igrejas, por ocasião do batismo, faziam o registro oficial dos nomes das pessoas.

A pesquisa de Martins *et al.* (2020) mostrou que, de todos os prenomes da amostra (509), apenas dois eram de origem indígena: “Jacy” e “Tracy”. Não obstante esses resultados, algumas preferências de uso podem estar relacionadas ao modo peculiar pelo qual os indígenas se apropriaram da cultura não indígena. Por exemplo, no *corpus* pesquisado, observou-se pouco uso de nomes compostos (apenas nove de um total de 505 prenomes), nomes bíblicos (somente 32), repetições (o nome mais repetido na amostra foi “Edson”, com cinco ocorrências) e alterações gráficas (apenas três registros de nomes, como é de “Thiago” e “Katiuse” – no primeiro, o uso da letra “h”; no segundo, o uso do “s” no lugar do “c” e do “k” inicial no lugar de “c”)⁹.

A pesquisa que enfoca os nomes dos descendentes realizada por Seide (2020a) indicou também adoção de nomes frequentes no Brasil e pouco uso de nomes típicos lituanos. Na amostra, havia 13 prenomes masculinos e 31 prenomes femininos; desses, houve apenas um nome lituano na antroponímia masculina (“Vitas”, grafado segundo as normas ortográficas da língua portuguesa¹⁰) e um nome na antroponímia feminina (“Grazina”, com grafia e pronúncia de acordo língua portuguesa¹¹). Apontando para práticas nomeadoras convergentes com as práticas lituanas, houve registro de nomes etimológica ou semanticamente cristãos: quatro na antroponímia masculina (“Jorge”, por exemplo) e dois na feminina (“Maria” e “Regina”), bem como pouco uso de nomes compostos (cinco). Ademais, houve uso de língua italiana no nome “Mariela” e língua espanhola em “Alonso”, no segundo nome do composto “Maria del Carmen” e em “Danita”. Também se registraram três nomes com alteração gráfica (*e.g.*, “Victor”, no qual o uso do “c” não está de acordo com a ortografia da língua portuguesa).

⁹ As letras “k”, “w” e “y” foram aceitas na ortografia oficial de nomes próprios de origem estrangeira a partir de 2012 por ocasião da última reforma ortográfica da Língua Portuguesa.

¹⁰ “Vytas” em lituano.

¹¹ “Gražina” em lituano.

Outro estudo que abrange prenomes e sobrenomes é o de Vescovi (2021), que investiga a influência de um movimento migratório ocorrido em 1970 na antroponímia do município paranaense de Palotina, localizado na região oeste do estado. Naquela época, pessoas oriundas da região norte do estado do Paraná migraram para o referido município a fim de trabalhar na extração de hortelã. Elas permaneceram por alguns anos no município e, depois de terminado o ciclo extrativista, se deslocaram novamente. Após comparar os nomes da amostra de antes, durante e depois da chamada “Era da Hortelã”, a pesquisadora constatou que os prenomes “novos” que vieram com os migrantes caíram em desuso assim que período terminou. Como exemplos desses nomes migrantes, podem ser citados o prenome feminino “Frosina” e o prenome masculino “Jovernal”. Os sobrenomes também foram abordados pela pesquisadora, que fez uma análise etimológica dos sobrenomes de sua amostra: enquanto, em 1950, ao menos 50% dos sobrenomes apresentavam um sobrenome de origem ítala, a frequência caiu para 10% em 1970 e voltou a aumentar (para 25%) em 1975.

Também relacionando prenomes e sobrenomes, Seide (2015) desenvolveu um estudo no município de Marechal Cândido Rondon, no qual analisa uma amostra de 500 certidões de nascimento coletadas conforme os procedimentos adotados por Grespan e Seide (2013) e por Vescovi (2020). Os nomes foram separados em conjuntos de acordo com a etimologia do sobrenome paterno dos registrados, e verificou-se se havia preferências de escolha de prenomes de acordo com a etimologia do sobrenome paterno. Os dados mostraram que houve prenomes indicadores de relações identitárias apenas para dois prenomes femininos: enquanto “Regina” foi mais usado na comunidade germânica, “Aparecida” foi registrado apenas em famílias que não portavam sobrenome paterno germânico.

Soledade (2019b) traça um panorama histórico que começa pela constituição antroponímica portuguesa, continua pela análise de como esse sistema antroponímico foi transplantado ao Brasil e termina com a descrição daquilo que caracteriza a antroponímia brasileira do ponto de vista etimológico. A maior parte dos dados

analisados provém do portal “Nomes no Brasil”, mediante o qual estatísticas sobre nomes dos residentes do Brasil que responderam ao censo de 2010 se tornaram de acesso público e gratuito. Em seu estudo, a pesquisadora evidencia que a etimologia dos prenomes também pode revelar a história, as influências culturais e os fluxos migratório do Brasil. Os dados a seguir ilustram a diversidade dos prenomes brasileiros.

Há prenomes etimologicamente gregos¹² em uso no Brasil – são nomes de filósofos e personalidades históricas, nomes mitológicos e nomes literários (“Arquimedes”, “Dione” e “Jocasta” são exemplos de cada um desses grupos, respectivamente). Alguns nomes desse tipo estão presentes no elenco dos 100 nomes mais populares no Brasil, como é o caso de “Alexandra” e “Sandra”. Nesse mesmo elenco, também há nomes de origem latina como “Antônia”, “Paulo” e “Cícero”¹³.

Há também nomes de origem germânica que remontam ao prestígio desfrutado na Idade Média em decorrência da influência visigoda e sueva na península ibérica¹⁴. Entre os 100 nomes mais frequentes, há, por exemplo, “Ricardo” e “Raimunda”.

Prenomes de origem aramaica e hebraica também se fazem presentes, atestando a influência do cristianismo introduzido no Brasil pelos portugueses na época da colonização. Exemplos de nome bíblico são “José”, primeiro lugar da lista dos 100+ da antroponímia masculina, e “Ana”, no segundo lugar da antroponímia feminina. Há também outros nomes de várias origens que ingressaram na antroponímia brasileira por influência da Igreja Católica, como “Francisco” (prenome de dois santos católicos).

Prenomes de origem indígena também foram registrados pelo IBGE: são nomes de origem tupi, como “Irani” na antroponímia feminina e “Moacir” na antroponímia

¹² Cumpre esclarecer que grande parte das palavras de origem grega foi formada no latim da Idade Média ou então chegou à língua portuguesa indiretamente mediante a língua francesa e a língua inglesa.

¹³ Em seu artigo, a pesquisadora reúne os nomes de origem grega e de origem latina na categoria de nomes de fundo latino.

¹⁴ Essa explicação histórica se aplica a muitas regiões do Brasil, mas não a todas, tendo em vista os locais que concentraram pessoas de origem germânica do começo do século XIX até o começo do século XX. Nesses contextos, o registro de prenomes etimologicamente alemães não se explica, necessariamente, pela história medieval portuguesa.

masculina. Contudo, como afirma Soledade (2019b), não se pode presumir laços étnicos entre esses prenomes e seus portadores, uma vez que a catequização dos indígenas implicava o batismo, pelo qual foram lhes atribuídos nomes cristãos e nomes de origem indígena foram atribuídos a não indígenas, tornando-os populares em todo o território independentemente da etnia de seu portador¹⁵. A pesquisa de Soledade (2019b) pode ser relacionada com a de Martins *et al.* (2020): enquanto a primeira mostra que há um conjunto de nomes indígenas (mormente de origem tupi) presentes na antroponímia brasileira registrada pelo IBGE, a segunda traz evidências de que há comunidades indígenas nas quais nomes não indígenas são usados em detrimento dos nomes e das práticas nomeadoras tradicionais.

Os nomes de origem africana são usados ainda mais raramente. Soledade (2019b) encontrou na base de dados do IBGE, que recobre nomes de nascidos de 1920 a 2009, apenas sete prenomes com essa origem. O prenome feminino “Dandara” é o mais frequente, e há registro de um único nome masculino, “Jabá”, com somente 22 ocorrências. Esse resultado é atribuído pela pesquisadora não somente à renomeação compulsória que os escravos africanos sofreram como parte de um processo de despersonalização mesmo antes de chegarem ao Brasil¹⁶, mas também, hoje em dia, a um racismo estrutural pelo qual os pais que queiram dar nomes de origem africana a seus filhos encontram dificuldades para tal¹⁷, uma vez que os escrivães aconselham que se escolham nomes “mais comuns”, como mostra matéria jornalística publicada no Brasil em 2014.

Outra fonte de prenomes estudada pela pesquisadora são os fluxos imigratórios. Soledade (2019b) considerou as imigrações majoritárias ao Brasil do início no século XIX até meados do século XX formadas por italianos, germânicos,

¹⁵ Soledade (2019b) alerta para a necessidade de se investigar as práticas nomeadoras atualmente em vigor nas aldeias indígenas como uma lacuna de pesquisa a ser preenchida.

¹⁶ Sobre as práticas de nomeação no Brasil colonial, há o excelente trabalho de Jean Hébrard (2003).

¹⁷ Tendo em vista a lacuna de pesquisa apontada (cf. nota de rodapé 16), Soledade (2019b) nada informa sobre se a resistência ao registro de nomes de origem africanos também ocorreria com nomes de origem indígena, como, por exemplo, prenomes provenientes de idiomas vinculados ao tronco macro-jê.

japoneses, sírio-libaneses e espanhóis. A pesquisadora recuperou a história de imigração desses povos e relacionou a introdução de prenomes de variadas origens a esses fluxos imigratórios. São exemplos de prenomes femininos e masculinos registrados no IBGE e citados pela pesquisadora: de origem italiana, “Alessandro” e “Andreia”; de origem germânica, “Evelise” e “Klaus”; de origem japonesa, “Hiroshi” e “Akemi”; de origem sírio-libanesa, “Iasmin” e “Omar”; e de origem espanhola, “Juan”, também grafado como “Ruan”, e “Anita”.

Com relação à imigração espanhola no Brasil, as informações dadas por Soledade (2019b) convergem com aquelas fornecidas por Tavares de Barros, Santos Heidmann e Philippsen (2020), mostrando que é possível traçar a história de uma nação tanto pela análise etimológica de prenomes quanto pela de sobrenomes. Com relação aos sobrenomes, é preciso advertir que etimologia e etnia podem ser divergentes, como mostra a pesquisa de Martins *et al.* (2020), que apontou, no caso do Brasil, ausência de correlação entre a origem etimológica (espanhola) do sobrenome e a origem étnica (indígena) dos portadores.

Essa não correlação fica mais evidente no caso de prenomes de origem francesa e de origem estadunidense. Nesses casos, a preferência por nomes dessas origens provém do prestígio atribuído aos respectivos idiomas e a seus falantes. A influência francesa no Brasil remonta à colonização e se intensifica no século XIX, estendendo-se até meados do século XX, quando, a partir da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos se tornam hegemônicos na economia, na cultura e na ciência. A influência francesa é notável não apenas em nomes originados na França (*e.g.*, o prenome feminino “Simone” e o masculino “René”)¹⁸, mas também na formação de prenomes femininos terminados em “-ete” e em “-ane”. Testemunhos da influência da cultura estadunidense e da língua inglesa são o prenome masculino “Charles” e o feminino

¹⁸ Não se quer dizer aqui que todos esses prenomes tenham filiação francesa, pois é sabido que os nomes franceses são provenientes de muitas filiações linguísticas, com substratos pré-romanos, latinos, germânicos etc.

“Jennifer”. Também de influência estadunidense é o uso das terminações “-son”, “-ilson”, “-elson”, “-erson” e “-irson” na criação de prenomes.

A última fonte etimológica de prenome estudada por Soledade (2019b) refere-se aos prenomes que foram cunhados no Brasil e que ela considera como brasileirismos. Analisando os dados do IBGE, a autora notou que a criação de prenomes teve início nas décadas de 1930 e 1940. Uma parte desses prenomes – mais comum entre mulheres, mas com pouca ocorrência – é proveniente de substantivos comuns, como o prenome feminino “Luz”, ou de topônimos, como o prenome masculino “Júpiter”. Outro conjunto de nomes cunhados no Brasil são aqueles que se formam por alteração gráfica, como é o caso do prenome feminino “Derenice”, constituído por alteração do prenome “Berenice”. Há também os prenomes oficiais formados por hipocorísticos, como “Zé”¹⁹.

Outros processos morfológicos são: composição por justaposição, por aglutinação, prefixação, *splinter*²⁰, cruzamento vocabular e outros cujo processo de formação não foi possível identificar. Para fins de ilustração, cita-se o nome mais frequente de cada um deles. Enquanto o prenome masculino “Josenilton” foi formado pela justaposição dos prenomes “José” e “Nilton”, o prenome masculino “Ivanilton” foi por aglutinação dos prenomes “Ivan” e “Nilton”. Já, no prenome feminino “Edneia”, há o formativo de margem esquerda²¹ e origem etimológica germânica “Ed-”; e, no prenome feminino Marilza, há o formativo de margem direita²² -ilza. Nos casos de *splinter*, os nomes são formados por fragmentos de palavras que, se bem não sejam morfemas, funcionam como se fossem (*e.g.*, no prenome masculino “Francivaldo”, “Franci-” é usado como afixo de margem esquerda; no prenome

¹⁹ O hipocorístico pode ser compreendido como um item formado a partir de uma alteração morfológica de outro antropônimo. Geralmente em contextos familiares, diferencia-se do apelido por ter sua origem em outro nome próprio (AMARAL, 2022, p. 72).

²⁰ “Os *splinters* são quebras não morfêmicas de palavras que passam a atuar como verdadeiros afixos e geram uma série de palavras, ocupando as mesmas posições (margem esquerda ou direita) na construção dos novos itens lexicais” (SOLEDADE, 2019b, p. 445).

²¹ Isto é, em posição inicial como se fosse um prefixo.

²² Isto é em posição final à maneira de um sufixo.

masculino “Cleverson”, o fragmento “-erson” funciona como sufixo). Um exemplo de cruzamento vocabular é o prenome feminino “Valdilane”, formado pela união do prenome masculino “Valdir” e do prenome feminino “Elane”. Por fim, um exemplo de prenome cujo processo de formação não foi possível identificar é “Car”.

Corroborando o estudo dos nomes cristãos no Brasil por Soledade (2019b), foi encontrado o estudo de Seide (2021), que enfoca, na primeira seção de seu artigo, a análise etimológica de um conjunto de prenomes. Usando como fonte de pesquisa não o IBGE, mas sim questionários aplicados, em 2018, a 132 alunos e professores do curso de Letras do *campus* de Marechal Candido Rondon, Seide (2021) identificou 48 prenomes relacionados ao cristianismo. Tendo por bases informações lexicográficas do dicionário de Guérios (1981) e de Oliver (2010), esses prenomes foram organizados em grupos. O primeiro reúne nomes hebraicos, gregos ou latinos com significado etimológico religioso, a exemplo do prenome feminino “Ângela”. O segundo congrega os nomes hebraicos citados na bíblia, a exemplo do prenome masculino “Benjamin”. O terceiro apresenta os nomes relacionados a Jesus Cristo e sua família, a exemplo do prenome feminino “Cristina”. O quarto contém prenomes relacionados aos apóstolos, a exemplo do prenome masculino “Lucas”. O quinto grupo reúne os prenomes que remetem aos santos da Igreja Católica, a exemplo do prenome feminino “Rita”.

Outro estudo pode ser relacionado à investigação de Soledade (2019b), por analisar prenomes com alteração gráfica que haviam sido tipificados por ela como sendo brasileirismos. Esse fenômeno também foi identificado e analisado por Grespan e Seide (2013) em sua análise de prenomes formados por dois itens lexicais. A pesquisa dessas duas autoras foi feita com base numa amostra formada por 500 certidões de nascimento lavradas no município paranaense de Toledo, tendo sido recolhidas 100 certidões de cada uma das décadas de 1950 a 2000. Na última década analisada, houve registro de prenomes nos quais, em pelo menos um deles, havia uso das letras “ll”, “yh”, “th”, “dj”, “ff”, “nn” e das letras “k”, “y” e “w”. São exemplos de uso dessas letras os prenomes “Wéllica Samara”, “Hendrya Nicole” e “Kaio Lenon”, registrados em 2004.

Outro fenômeno considerado por Soledade (2019b) como brasileirismo é o uso de hipocorísticos como prenomes oficiais. Esse fenômeno também foi observado por Seide e Petrulioné (2020), as quais compararam o uso de hipocorísticos como nomes primários oficiais no Brasil e na Lituânia. As pesquisadoras usaram como ponto de partida o trabalho seminal de Monteiro (1981). O elenco de prenomes originalmente hipocorísticos citado pelo pesquisador cearense foi verificado nos dados do IBGE, que indicaram serem esses nomes muito raros. Na sequência, foi verificada a frequência de uso de três nomes populares no Brasil: “Roberto”, “Aparecida” e “José”. Para esses nomes, as formas hipocorísticas “Beto”, “Cida” e “Zé” foram muito menos usadas. Considerando o uso dos hipocorísticos como prenomes oficiais no eixo cronológico, houve uma tendência de diminuição de uso de 1980 a 2000.

Com relação aos demais processos morfológicos de formação de prenome, foram encontrados quatro estudos posteriores realizados por Soledade e/ou por Soledade e outros autores. Simões Neto e Soledade (2018) investigaram os nomes terminados em “-son” encontrados nas listas de aprovados no vestibular da Universidade do Estado da Bahia em 2016 e em 2017. A análise etimológica e morfológica desse formativo mostrou que ele é oriundo de um patronímico da língua inglesa (equivalente ao patronímico “-sen” das línguas nórdicas) usado na composição de sobrenomes naquele idioma. Os nomes extraídos das listas de aprovados foram consultados nos dados do IBGE, que mostraram registros de nomes com essa terminação mesmo antes de 1930, como é o caso do prenome masculino “Jefferson”. Foi constatada também continuação de uso de nomes com essa terminação em décadas posteriores até a década de 1990. Trata-se de nomes criados no Brasil – por exemplo, os nomes “Gleison” (registrado na década de 1950), “Jandesson” (na década de 1960) e “Naiison” (na década de 1990). Também foram encontrados nomes com as terminações “-elson” e “-ilson”, como é o caso, respectivamente, de “Joelson” (registrado na década de 1930) e “Renilson” (na década de 1940).

Em outro estudo, Soledade (2019a) retoma os resultados obtidos em Simões Neto e Soledade (2018) e traz outra análise dos dados obtidos em Soledade (2019b). A

contribuição desse estudo está na observação da frequência dos processos de criação de prenomes neológicos no eixo cronológico e em que estado brasileiro esses prenomes são mais usados: até a década de 1970 e, mais frequentemente, nos estados do Nordeste do Brasil. Em Soledade, Santos Rodrigues e Simões Neto (2020), os resultados publicados em 2019 são corroborados com pesquisas realizadas sobre a antroponímia baiana com utilização de diversas fontes que recobrem os séculos XIX e XX: lista de aprovados numa universidade estadual de Feira de Santana, lista de aprovados na Universidade Federal da Bahia, livros de casamento, listas de candidatos a membros de uma ordem religiosa católica e lista de pessoas que desejam ser membros da Sociedade Protetora dos Desvalidos²³ de Salvador.

Em Soledade (2019b), a pesquisadora mostrou que uma das origens etimológicas dos prenomes em uso no Brasil é a língua espanhola e relacionou o uso de palavras dessa origem etimológica à imigração espanhola ocorrida no Brasil na época do auge da cafeicultura no país. Na revisão sistemática de literatura, foram encontrados outros dois estudos sobre prenomes oficiais brasileiros e prenomes oficiais espanhóis. Seide e Frai (2019) analisaram se prenomes femininos e prenomes masculinos avaliados como novos no repertório antroponímico espanhol, de acordo com uma reportagem jornalística publicada em 2009, eram também usados no Brasil no mesmo período e/ou com um padrão de frequência,²⁴ ainda que em períodos diferentes. Para tal, utilizaram, como fontes de dados, no Brasil, o IBGE e, na Espanha, o Instituto Nacional de Estatística da Espanha (INE). Os resultados mostraram que, do conjunto de nove prenomes femininos adotados por modismo na Espanha em 2009, quatro estavam em desuso no Brasil, dois foram usados em ambos os países, mas em períodos diferentes, dois são raríssimos no Brasil e apenas dois prenomes femininos

²³ Essa sociedade foi organizada por afrodescendentes católicos com o objetivo de prestar auxílio mútuo à comunidade formada por escravos libertos.

²⁴ O padrão de frequência considerado foi o típico de prenomes adotados por modismo: há um aumento repentino na frequência de uso que pode durar de duas a três décadas, após as quais há uma queda abrupta.

foram usados por modismo em ambos os países e no mesmo período: “Valentina” e “Chloe”. Com relação à antroponímia masculina, dos dez nomes analisados, sete foram usados de modo convergente e na mesma época, sendo que em dois casos, “Tiago” e “Raian” houve utilização diferenciada de nomes com alteração gráfica. No Brasil, houve registro das formas *Tiago* (forma padrão) e (*Thiago*, forma não padrão) sendo mais usada a forma não padrão; já para o nome *Rayan* (grafado conforme grafia original inglesa), houve registro da grafia original e das formas *Raiam* e *Raian*, sendo esta última a forma mais utilizada.

Utilizando as bases de dados do INE e do IBGE e abordagens quantitativas e qualitativas, Fernández Juncal e Seide (2021) evidenciam as convergências e as divergências entre os repertórios antroponímicos durante o período abrangido pelo IBGE. Identificaram um distanciamento gradual entre os repertórios: enquanto, no período anterior a 1930, 60% dos prenomes masculinos e 50% dos prenomes femininos eram convergentes, esses percentuais foram, respectivamente, de 15% e 20% na última década analisada (nomes dos nascidos de 2000 a 2009). As convergências encontradas no período como um todo se devem, principalmente, à influência católica em ambos os países e se referem tanto a nomes totalmente homônimos (como é o caso do prenome masculino “Jorge” e do prenome feminino “Sandra”) quanto a nomes cuja grafia indica se sua escrita está na língua portuguesa ou na língua espanhola (e.g., os prenomes femininos “Vanessa” em língua portuguesa e “Vanesa” em língua espanhola; e os prenomes masculinos “Joaquim” e “Joaquín”, respectivamente).

Também de viés comparativo é a pesquisa realizada por Seide e Petrulionė (2018), que compararam os prenomes masculinos mais usados no Brasil e na Lituânia com base em dados estatísticos disponíveis *on-line* – o IBGE no caso brasileiro e o *Valstybinė lietuvių kalbos komisija* (VLKK – Comissão Estatal da Língua Lituana) no caso lituano. Foram comparadas as listagens dos 17 nomes masculinos mais populares no período de 2006 a 20017 na Lituânia e de 1990 a 2000 no Brasil. Quatro prenomes foram citados em ambas as listagens – todos cristãos, como é o caso no prenome “Mateus” em língua portuguesa e “Matas” na língua lituana.

3 Análise dos estudos encontrados na revisão de literatura

A primeira pergunta de pesquisa que esta revisão sistemática de literatura procurou responder foi: como são os prenomes oficiais primários no Brasil? Trata-se de uma pergunta de cunho qualitativo; não houve a preocupação pela quantificação do uso dos nomes para saber que nomes são mais frequentes que outros nem se determinado tipo de nome é frequente ou raro ou mais típico de determinado estado ou região do Brasil. Desconsiderando, pois, essas questões quantitativas, os resultados das pesquisas recenseadas possibilitam chegar a algumas conclusões.

Os sobrenomes dos brasileiros são muito diversificados em sua origem e filiação linguística: ou porque revelam a história dos antepassados de seus portadores por linha paterna ou porque descortinam um período da história de seus portadores, como é o caso de sobrenomes dos indígenas conforme práticas não indígenas. Na revisão, não foi encontrada nenhuma pesquisa sobre os sobrenomes de descendentes de africanos; sabe-se, porém, que, nesses casos, o sobrenome herdado foi o da família escravagista (MARIANO, 2013). Assim, se para as pessoas que são descendentes dos povos originários e das nações africanas escravizadas, não há relação entre origem etimológica e origem étnica, para as demais pessoas da nação brasileira, essa relação se mantém e indica os fluxos migratórios pretéritos tanto internos quanto externos. Para o primeiro caso, podem ser citados os nomes de sobrenomes de origem italiana que remontam à imigração italiana no Brasil²⁵; para o segundo, os nomes de origem ibérica no município paranaense de Iguatu que remontam ao deslocamento interno de famílias de origem espanhola ou portuguesa de São Paulo para esse município paranaense. Os resultados mostram também existência de adaptação linguística dos

²⁵ Há pesquisas no Brasil sobre a influência da imigração italiana na ononímia brasileira a exemplo de Filgueiras (2016) e de Frosi (2014), entre outros.

sobrenomes à língua portuguesa no nível ortográfico, fonético e morfológico como é o caso dos sobrenomes dos imigrantes lituanos e seus descendentes²⁶.

Com relação aos prenomes, há grande diversidade não apenas etimológica, mas também morfológica e gráfica. Há dois tipos de prenomes: um convencional e outro não convencional. A primeira categoria abrange os nomes que estão integrados no repertório onomástico do Brasil num determinado período, são escolhidos de acordo e em harmonia com costumes locais, bem como estão conectados a tradições religiosas ou nacionais. A segunda categoria abrange nomes que destoam da categoria anterior e são avaliados como sendo nomes diferentes e exóticos (FELECAN, 2014).

Na primeira categoria, estão os prenomes herdados da colonização portuguesa cujo étimo pode ser latino, grego, germânico ou de origem bíblica e étimo aramaico ou hebraico e os nomes cuja filiação linguística podem ser explicada pelas ondas migratórias que atingiram o país como é o caso de prenomes italianos, espanhóis, japoneses, sírio-libaneses e espanhóis. Essa coincidência, contudo, precisa ser investigada mais a fundo tendo em vista os resultados de pesquisa de Seide (2015) que mostrou haver poucas evidências de uso de prenomes etimologicamente germânicos por portadores de sobrenomes germânicos no município de Marechal Cândido Rondon, na região oeste do Paraná. Há também, nessa categoria, nomes tupis e alguns nomes de origem africana. Por fim, há os nomes que se integraram o repertório em diferentes períodos do século passado por influência cultural da França e dos Estados Unidos.

Na segunda categoria, há prenomes com alteração gráfica, prenomes neológicos e prenomes formados por hipocorísticos. Os dados das pesquisas que integram esta revisão de literatura, contudo, não permitem tirar conclusões nem sobre o uso dessas duas categorias de nomes do ponto de vista quantitativo, nem sobre a distribuição

²⁶ De modo geral e considerando diversos contextos imigratórios, a adaptação linguística pode ocorrer por iniciativa de quem fez o registro dos nomes de passageiros nos navios que traziam os imigrantes, do escrivão que faz os registros em cartórios ou ainda por políticas linguísticas antroponímicas do país de origem e/ou país de acolhida. (SEIDE, 2020 c).

desse uso no espaço por motivos que se explicam a seguir quando são avaliados outros aspectos dessas pesquisas relacionada à segunda pergunta de pesquisa.

A segunda pergunta de pesquisa que motivou esta revisão sistemática de literatura foi: como os nomes oficiais primários do Brasil têm sido pesquisados? Para responder a essa pergunta, as pesquisas encontradas foram avaliadas nos seguintes aspectos: fonte(s) utilizada(s), objeto de análise linguística, níveis de análise abrangidos na análise linguística dos nomes, escopo ou abrangência da pesquisa, abordagem utilizada e viés da pesquisa.

Com relação às fontes de dados analisadas na pesquisa, o Quadro 1 mostra que quase metade das pesquisas se baseou nos dados disponibilizados pelo IBGE e apenas uma pesquisa utiliza mais de uma fonte de dados. O fato de se ter acesso imediato às estatísticas sobre os prenomes registrados no Brasil mediante no Portal Nomes no Brasil explica não apenas esse resultado, mas também a preferência pelo estudo de prenomes formados por um item lexical ou do primeiro prenome de nomes formados por dois prenomes tendo em vista que no portal informa-se apenas o primeiro prenome nesses casos. Explica-se, assim, porque poucas pesquisas foram sobre ou abrangeram os sobrenomes: para haver dados, é necessário buscar outras fontes e construir um banco de dados próprio.

Quadro 1 – Fontes de dados utilizadas nas pesquisas da revisão de literatura.

Fontes	Artigos
Nomes do Brasil IBGE, censo 2010	Seide e Petrulionê (2018) Simões e Soledade (2018) Seide e Frai (2019) Soledade (2019a) Soledade (2019b) Fernández Juncal e Seide (2021) Seide e Petrulionê (2020)
Certidões de nascimento	Vescovi (2021) Grespan e Seide (2013) Seide (2015)
Lista de alunos	Martins <i>et al.</i> (2020)
Lista de candidatos de vestibular e Nomes do Brasil, IBGE, censo 2010	Simões e Soledade (2018),
Questionários	Seide (2021)
Outros	Tavares de Barros, Santos Heidmann e Philippsen (2020) Seide (2020a)

Fonte: elaborado pela autora.

No que se refere àquilo que é analisado na descrição linguística dos nomes próprios, percebe-se que mais de uma em cada cinco pesquisas abrange mais de um nível linguístico de análise, com predomínio do nível etimológico conjugado com descrição ortográfica e morfológica. Considerando cada nível linguístico, o mais estudado é o nível ortográfico, seguido do morfológico, com poucas pesquisas sobre o nível fonético.

Se são somadas as pesquisas que consideram a etimologia²⁷, mesmo que não com exclusividade, chega-se a um conjunto de nove artigos. Significativa também é a quantidade de pesquisas (seis)²⁸ que, com ou sem exclusividade, se propõem à identificação e descrição de repertório antroponímico (conjunto de nomes de pessoas numa língua ou numa comunidade linguística). Apenas dois artigos não descrevem repertórios, nem consideram a etimologia em suas análises.

Quadro 2 – Descrição linguística dos antropônimos conforme o nível de análise.

Nível	Artigos
Etimologia	Tavares de Barros, Santos Heidmann e Philippsen (2020),
Ortografia	Grespan e Seide (2013)
Morfologia	Seide e Petrulioné (2020)
Etimologia, ortografia e morfologia	Simões e Soledade (2018), Soledade (2019a) Soledade (2019b) Soledade, Santos Rodrigues e Simões Neto (2020)
Repertório antroponímico	Seide (2015) Seide e Petrulioné (2018)
Repertório antroponímico e grafia	Seide e Frai (2019)
Repertório antroponímico, grafia e etimologia	Martins <i>et al.</i> (2020) Seide (2020) Fernández Juncal e Seide (2021)
Repertório antroponímico e etimologia	Vescovi (2021)
Ortografia, fonética, morfologia e repertório antroponímico	Seide (2020a)

Fonte: elaborado pela autora.

²⁷ Nos artigos consultados, a pesquisa etimológica foi respaldada por dicionários etimológicos brasileiros e /ou portugueses para se fazer ponderações sobre a qualidade da análise etimológica seria preciso realizar uma análise lexicográfica dos dicionários consultados.

²⁸ Há um total maior que 15 nessa análise, pois houve contagem dupla dos dois artigos que descrevem repertórios e consideram a etimologia dos nomes.

No que diz respeito à abrangência da pesquisa, predominam as pesquisas nacionais. Há pesquisas que envolvem dois países e apresentam viés comparado tendo por escopo um país e não uma região ou local dentro do país. Também se pode considerá-las como pesquisas internacionais que focam o nível nacional. Somando-se essas duas últimas categorias, chega-se a um total de oito pesquisas, sendo que as outras sete são de âmbito local. Enquanto as pesquisas de nível nacional e internacional são feitas com base nos dados do IBGE, as de nível local se pautam em outras fontes, apesar de haver, no portal Nomes no Brasil, possibilidade de coleta de dados por município.

Quadro 3 – Abrangência das pesquisas.

Abrangência	Artigos
Nacional	Soledade (2019a) Soledade (2019b) Seide (2020a) Soledade, Santos Rodrigues e Simões Neto (2020)
Local	Grespan e Seide (2013) Seide (2015) Simões e Soledade (2018) Martins <i>et al.</i> (2020) Tavares de Barros, Santos Heidmann e Philippsen (2020) Vescovi (2021) Seide (2021)
Comparada (envolvendo duas nações)	Seide e Petrulioné (2018) Seide e Frai (2019) Seide e Petrulioné (2020) Fernández Juncal e Seide (2021)

Fonte: elaborado pela autora.

Para além desses aspectos, foi analisada a abordagem (quantitativa ou qualitativa) predominantemente adotada. Todas elas se basearam em amostras de nomes que variaram em sua extensão e abrangência e apresentaram análises quantitativas e qualitativas. Considerando os critérios adotados em pesquisas quantitativas, os resultados oriundos de amostras pouco significativas devem ser interpretados com cautela apenas como indícios da existência dos fenômenos descritos.

Com exceção de Seide e Petrulioné (2018; 2020) e Fernández Juncal e Seide (2021) que apresentam análises mais complexas, as pesquisas analisadas nesta revisão

apresentam essa limitação. Merecem considerações adicionais as pesquisas de Soledade (2019 a, 2019 b) e Simões e Soledade (2018), que foram baseadas nos dados robustos do IBGE, mas sem que houvesse análise sistemática sobre o significado do número de ocorrências do uso dos prenomes, ausência que impossibilita saber se o dado quantitativo indica uso recorrente de determinado prenome ou, no caso de ser pouco usado, apenas sua existência no repertório antroponímico brasileiro.

Por fim, foi verificado se as pesquisas apresentavam um viés disciplinar exclusivamente linguístico ou se um viés multi ou interdisciplinar. Em todas as pesquisas, os dados foram analisados levando-se em consideração seu contexto ou, nas palavras de Soledade (2019b), sua sócio-história, o que indica a adoção de um viés multidisciplinar com a História. Apenas uma pesquisa, a de Soledade (2019a), por se preocupar com a distribuição do uso dos prenomes no espaço nacional, apresentou também relação com a Geografia. Apesar dessas relações com outras disciplinas, todas partem de uma definição de nome próprio como um signo linguístico, o que indica que os pesquisadores são adeptos da filiação da Onomástica na Linguística em geral e da Lexicologia em particular²⁹.

Esta revisão sistemática de literatura também foi desenvolvida para verificar em que medida são realizadas no Brasil pesquisas do tipo tradicional caracterizadas pela análise linguística (frequentemente etimológica) de nomes primários oficiais extraídos em documentos oficiais. Tendo em vista esse propósito, pode-se afirmar que 13 das pesquisas desta revisão sistemática de literatura segue esse paradigma de pesquisa, pois se centram ou na descrição de repertórios e/ou se baseiam em análises etimológicas. Não se pode afirmar, contudo, que as pesquisas brasileiras estão restritas a esse paradigma.

²⁹ Recentemente, foi publicada uma proposta de redefinição interdisciplinar de nome próprio (SEIDE, 2021).

4 Conclusão

Os resultados desta revisão de literatura mostram predomínio de pesquisas sobre prenomes em detrimento de sobrenomes. É necessária a realização de mais pesquisas sobre os sobrenomes que incluam os níveis ortográfico e fonético de análise, tendo em vista que boa parte deles tem etimologia não luso-brasileira e passou por um processo de adaptação linguística à língua portuguesa.

Com relação aos fluxos migratórios atuais, seria interessante também o desenvolvimento de pesquisas sobre como os imigrantes e descendentes de migrantes se sentem afetados pelas mudanças havidas em seus sobrenomes por conta da adaptação linguística, além de outros aspectos sociais, políticos e culturais envolvidos³⁰.

Com relação às pesquisas que analisam prenomes oficiais primários, os resultados mostram que elas têm abrangência local ou nacional e que apenas uma pesquisa (SOLEDADE, 2019a) esboçou comparações de usos de determinados prenomes entre diferentes regiões do país.

Considerando as diferenças existentes entre as regiões do país e sua extensão continental, urge que sejam feitas pesquisas que considerem essa diversidade e proponham comparações entre essas regiões e entre estados que fazem parte de cada uma delas³¹.

Por fim, considerando as demais pesquisas que fazem parte da lista bibliográfica inicial de pesquisas da qual foram extraídas as pesquisas contempladas nesta revisão de literatura, pode-se concluir que o paradigma de pesquisa pelo qual há descrição de repertório antroponímico de prenome primário oficial e/ou análise etimológica corresponde a 28% das pesquisas brasileiras que constam na lista inicial

³⁰ Pode-se mencionar como exemplo de pesquisa com viés, um projeto de pesquisa no qual há a proposta de investigação sobre como imigrantes na Suécia se sentem perante a adaptação linguística de seus sobrenomes à língua sueca (Frändén, 2016).

³¹ Uma pesquisa desse tipo foi realizada por Choleva-Dimitrova *et al.* (2020), que compararam dados antroponímicos de três grandes cidades búlgaras (Sofia, Varna e Blovid) coletados no período de 2007 a 2014.

de trabalhos sobre antroponímia publicados no Brasil de 2011 a 2022, isto indica que a tradição convive com a inovação ainda que prevaleçam os estudos não tradicionais (72% da lista inicial). Esses artigos, se bem não tenham sido analisados nesta revisão sistemática de literatura, são inovadores porque eles não focam nomes próprios oficiais e/ou não se baseiam na análise etimológica dos nomes. Mais pesquisa é necessária para descrever e analisar essas pesquisas adequadamente no campo disciplinar da Onomástica.

Referências

AMARAL, E. T. R. Onomastics and Law Interface: contributions to the studies of Brazilian anthroponymy. **Domínios de Lingu@gem**, v. 15, n. 2, p. 446-473, 2021. DOI <https://doi.org/10.14393/DL46-v15n2a2021-7>

AMARAL, E. T. R.; SEIDE, M. S. Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Ed. Blucher, 2020. DOI <https://doi.org/10.5151/9786555500011>

CHOLEVA-DIMITROVA, A.; DANCHEVA, N.; VLAHOVA-ANGELOVA, M.; PETKOVA, G. Are contemporary Bulgarian personal names still indicative of a Bulgarian identity? **Onoma**, 55, Uppsala – Suécia p. 247–266, 2020. DOI <https://doi.org/10.34158/ONOMA.55/2020/14>

CARVALHINHOS, P.de J.; NERI, C. A. N.(ed.).A busca pela interdisciplinaridade na Onomástica brasileira. **Domínios da Lingu@gem**, v.15, Uberlândia, v. 15, n. 2, p. 258-611, 2021. Acesso em 03 mar. 2022. DOI <https://doi.org/10.14393/DL46-v15n2a2021-1>

FELECAN, O. Unconventional First Names: Between Onomastic Innovations and Illustrious Models. *In: Unconventional anthroponyms: Formation patterns and discursive function*. FELECAN O.; FELECAN D. (org). Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2014. p.133–155.

FILGUEIRAS, Z. **Italianos em Belo Horizonte**: estudo léxico-social e proposta de dicionário [tese, UFMG]. Zuleide Ferreira Filgueiras. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-AAPJ5Y>. Acesso em: 03 nov. 2022.

FROSI, V. M. Sobrenomes italianos: um estudo onomástico. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 389-412, dez. 2014. DOI <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2014v17n2p389>

FRÄNDÉN, M. Surnames in the Melting Pot: presentation of a project on surnames and immigration. *In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ONOMASTIC SCIENCES*, 25, Glasgow, 25-29 August 2014. HOUGH, C.; IZDEBSKC, D. (ed.). **Proceedings Names and their environment** [...]. Glasgow: University of Glasgow, 2016. p.233-237.

FERNÁNDEZ JUNCAL, C.; SEIDE, M. S. Convergencia y divergencia de los repertorios antroponímicos brasileño y español. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 6101-6123, 2021. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e73809>

GRESPLAN, T., SEIDE, M. S. Mais Wellicas Samaras e Hendryas Nicoles, menos Marias Luíças e Joões Pedros: os novos nomes duplos do sistema antroponímico brasileiro. **Recorte** (UninCor), Três Corações, v. 10, n. 2 p. 1, 2013. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjWsl6YjPP1AhUkqpUCHZ6YBZQOFnoECAQQAQ&url=https%3A%2F%2Fdialognet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F4791983.pdf&usg=AOvVaw1AXFx4YlajHia8pIFxdhH8> . Acesso em: 03 mar. 2022.

GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes**. 2ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HÉBRARD, J. Esclavage et dénomination: imposition et appropriation d'un nom chez les esclaves de la Bahia au XIXe siècle. **Cahiers du Brésil Contemporain**, Paris, n. 53/54, p. 31-92, 2003.

ICOS. Onomastic Bibliographic Anthology. Disponível em: [Onomastic Bibliographic Anthology – ICOS \(icosweb.net\)](https://www.icosweb.net). 2022. Acesso em: 31 mar. 2022.

MARIANO, V. C. A antroponímia dos matriculados na sociedade protetora dos desvalidos durante a segunda década do século XX, **Entre Palavras**, Fortaleza, v.3, n.1, p. 191-217, 2013. DOI

MARTINS, A. M. S, SOUZA, N. M., CATÃO, H. V., CONCIANZA, F. Nomes e sobrenomes dos Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul. **Onomástica desde América Latina**, Cascavel, v. 1, n. 1, p. 46-66, 2020. DOI <https://doi.org/10.48075/odal.v1i2.25490>

MONTEIRO, J. L. Regras de produtividade dos hipocorísticos. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 47-60, 1981.

OLIVER, N. **Dicionário de nomes**: todos os nomes do mundo. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

RUSU, M. S. Street naming practices: A systematic review of urban toponymic scholarship. **Onoma** v. 56, p. 269–292. DOI <https://doi.org/10.34158/ONOMA.56/2021/14>

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista brasileira de fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, jan./fev. 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>

SEABRA, M. C. T; ISQUERDO, A. N. (ed.). Onomastics. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 993-1350, 2018. Acesso em: 03 mar. 2022.

SIMÕES, N.; SOLEDADE, J. Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1295-1335, 2018. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1295-1350>

SEIDE, M. S. Nome próprio e identidade em Marechal Cândido Rondon. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 212-225, 2015. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/432>. Acesso em: 03 mar. 2022.

SEIDE, M. S. Métodos de pesquisa em Antroponomástica. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 10, n. 3, p. 1146-1171, 2016. DOI <https://doi.org/10.14393/DL23-v10n3a2016-19>

SEIDE, M. S. Antroponímia, diáspora y migración: los descendientes de lituanos en Brasil. **Onomástica desde América Latina**, Cascavel, v. 1, n. 1 p. 97-117, 2020a. DOI <https://doi.org/10.48075/odal.v1i1.24156>

SEIDE, M. S. A antroponomástica comparada. **Onomástica desde América Latina**, Cascavel, v.1 n. 2, p. 83-102, 2020b. DOI <https://doi.org/10.48075/odal.v1i2.25488>

SEIDE, M. S. Do nome direito ao direito ao nome: as políticas linguísticas sob o viés antroponímico”. In: BERGER, I.S.; REDEL, L. (org.). **Políticas de gestão do multilinguismo: práticas e debates**. Campinas: Pontes, 2020c. p. 231-252.

SEIDE, M. S. Prenomes cristãos: constituição, etimologia, motivação para a escolha antroponímica e conhecimento onomástico. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1 p. 49-76, 2021. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.29.1.49-76>

SEIDE, M. S.; FRAI, P. H. Antroponímia comparada: um estudo sobre os nomes inovadores na antroponímia da Espanha e do Brasil. **Afluente**, Bacabal, v. 4, n. 12, p.

64-86, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/11443/6843>
Acesso em: 03 mar. 2022.

SEIDE, M. S.; PETRULIONĖ, L. Between Languages and Cultures: an Exploratory Comparative Study of Usage of Lithuanian and Brazilian Masculine Anthroponyms. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1201-1226, 2018. DOI <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1201-1226>

SEIDE, M. S.; PETRULIONĖ, L. Formation and usage of hypocoristic forms in Brazilian Portuguese and Lithuanian. **Alfa: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 64, p. 1-25, 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e11611>

SEIDE, M. S. Proposta de definição interdisciplinar de nome próprio. **Onomástica desde América Latina**, Cascavel, v. 2., n. 5, p. 154-175, 2021. DOI <https://doi.org/10.48075/odal.v0i0.27562>

SOLEDADE, J. A hipótese da prevalência de construções biformativas em processos concatenativos e não concatenativos na formação de antropônimos neológicos no Brasil. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 61, p. 30-48, 2019a. DOI <https://doi.org/10.9771/ell.v0i61.27588>

SOLEDADE, J. Origens e estruturação histórica do léxico antroponímico do português brasileiro. **Macabéa**-revista eletrônica do Netlli, Crato, v. 8, n. 2, p. 372-410, 2019b. DOI <https://doi.org/10.47295/mren.v8i2.1954>

SOLEDADE, J.; SANTOS RODRIGUES, L. S.; SIMÕES NETO, N. A. A inovação antroponímica na Bahia dos séculos XIX, XX e XXI: uma interface entre Antroponomástica e Morfologia Histórica. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v.15, n. 2, p., 371–404, 2020. DOI <https://doi.org/10.14393/DL46-v15n2a2021-5>

SOUZA, A. M.; SILVA-OLIVEIRA, G. C.; GONÇALVES FILHO, J. S. T.; QUADROS, R. M. Antroponímia em língua de sinais: os sinais-nome em Florianópolis. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 26. p.112-124, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2598>. Acesso em: 03 mar. 2022.

VAN LANGENDONK, W. **Theory and typology of proper names**. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110197853>

TAVARES DE BARROS, F. H.; SANTOS HEIDMANN, G. V. dos; PHILIPPSEN, N. I. Nomes de famílias de origens portuguesa e espanhola em lápides do cemitério de

Iguatu- PR. **Domínios de Lingu@gem**, v. 14, n. 4, p. 1245–1272, 2020. DOI <https://doi.org/10.14393/DL44-v14n4a2020-7>

VESCOVI, J. P. Eventos históricos e os impactos antroponímicos: a influência da Era do hortelã na antroponímia de Palotina-PR. **Onomástica desde América Latina**, Cascavel, v. 2, n. 3, p. 30-58, 2021. DOI <https://doi.org/10.48075/odal.v0i0.25970>